



## A PERSPECTIVA DE ENFERMAGEM NA VIOLÊNCIA INFANTIL: UMA REVISÃO LITERÁRIA

SOARES, Fernanda de Moura<sup>1</sup>;  
COSTA, Rosana dos Santos<sup>2</sup>;  
GOUVEIA, Marcia Teles de Oliveira<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO:** Violência origina-se do latim *violentia* que se refere à qualidade de violento ou ainda ao ato de violentar. Juridicamente refere-se a constrangimento físico ou moral, podendo ser praticado tanto por meio da força física quanto pela coação. No mundo industrializado, morrem diariamente quase 3.500 crianças e adolescentes menores de 15 anos devido a maus-tratos, número que se acredita subestimado devido aos problemas nas classificações internacionais que utilizam diferentes definições, dificultando a coleta de dados. No Brasil, acidentes e agressões são as principais causas de morte de crianças de 1 a 6 anos, respondendo por quase um quarto desses óbitos. **OBJETIVO:** Reunir e sintetizar o conhecimento disponível sobre a violência infantil afim de que possa se tornar um instrumento útil ao trabalho da enfermagem ampliando, assim, seus conhecimentos. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo bibliográfico, no qual foi realizado um levantamento da produção científica relacionada à violência infantil. Foram aceitos para esta revisão os trabalhos publicados em periódicos indexados no período de 2006 a 2011, na língua portuguesa. Foram utilizados os seguintes descritores: “Criança”; “Violência” e “Enfermagem”. Foram consultadas as bases de dados informatizadas: LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); SCIELO.(Scientific Electronic Library Online); BNDENF. A partir dos critérios de inclusão foram selecionados dezessete artigos que se correlacionavam à abordagem de violência infantil e as conseqüências e concepções da violência contra crianças e adolescentes para o profissional de enfermagem no contexto da humanização do cuidado. **RESULTADOS:** A violência praticada contra crianças e adolescentes, conhecida como vitimização ou síndrome dos maus tratos infantis, é classificada nas formas física, sexual, psicológica e negligência. De acordo com as manifestações apresentadas pela criança ou adolescente, pode-se identificar o tipo de violência sofrida. Na violência física, a recorrência de lesões, quase sempre atribuídas a acidentes, deve levar à suspeição da síndrome. Nesses casos é comum que a vítima apresente equimoses, fraturas, contusões, queimaduras, traumatismos e alopecias. A violência sexual pode se traduzir tanto por manifestações comportamentais como vergonha excessiva e autoflagelação, quanto por sinais e sintomas físicos, como lesões na genitália, anorexia, enurese e encoprese. Muitas das dificuldades escolares têm como causa essa modalidade de violência. A suspeição de violência psicológica deve ocorrer frente a atitudes autodestrutivas, timidez ou agressividade extrema e baixa auto-estima. Na realidade, ela está

presente em todas as formas de violência, mas também pode ocorrer de forma isolada. A negligência é descrita como a falta de responsabilidade, calor humano, interesse para com as necessidades e manifestações da criança. Essa modalidade de vitimização, por ser comum, passa muitas vezes despercebida ou é banalizada podendo, na prática serem evidenciadas pela falta de cuidado físico, expressa por sujidade, escabiose, pediculose e tungíase recorrentes ou não tratada, retardo no crescimento e desenvolvimento, calendário vacinal incompleto, entre outras. São também consideradas negligências as situações em que a criança é levada a assumir responsabilidades incompatíveis com seu estágio de desenvolvimento. Referentes aos locais de ocorrência, a violência contra crianças não se limita ao ambiente doméstico, ocorrendo também em creches, pré-escolas, escolas ou ainda, em abrigos temporários e permanentes. Diante dessa realidade, o profissional enfermeiro deve ter conhecimento da problemática acerca da violência infantil desde sua formação acadêmica e manter uma educação contínua em serviço. Os sentimentos de negação, raiva, projeção, ansiedade e de muita impotência, que surgem diante destas situações, parecem estar relacionados ao âmbito de defesa do próprio ser humano, como uma maneira de amenizar seu próprio sofrimento. Não são raros enfermeiros e outros profissionais da área da saúde terem dificuldades para identificar e/ou cuidar da questão acerca da violência infantil. O próprio órgão educador e formador destes profissionais, que é a universidade, deve estar atento e atualizado para o preparo dos futuros enfermeiros. **CONCLUSÃO:** A criança é um ser em construção, carregado de vida, criatividade e curiosidade. No entanto, é um ser indefeso, frágil que necessita de proteção, cuidado, afeto e vida familiar e comunitária harmoniosa para crescer e se desenvolver. Dessa forma acredita-se que a prática dos enfermeiros deve estar pautada no rompimento do silêncio e da acomodação que envolve a problemática da síndrome dos maus tratos infantis, buscando sensibilidade à escuta e percepção de situações de vitimização que as crianças e adolescentes possam estar vivenciando, para tanto é essencial o seu envolvimento, aprofundamento em pesquisas e estudos sobre violência, estabelecendo uma rede acessível a esses menores, constituindo cenário de acolhimento propício a romper o silêncio da violência à criança e ao adolescente. **DESCRITORES:** Violência. Criança. Enfermagem.

---

<sup>1</sup>Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Bolsista do PREX da UFPI. – [xnandasoares@gmail.com](mailto:xnandasoares@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora Mestre da Universidade Federal do Piauí